

Monocó, Adé, Mona e Folhas: a homossexualidade nos terreiros do Candomblé

WILSON CAETANO DE SOUSA JÚNIOR

[...] Eram quase 24 horas quando o tenente Vergne, policial da 2 Delegacia auxiliar, seguido de agentes chegou ao ponto referido. De dentro de uma casinha, escondida entre matos, ouvia-se o som de uma música estranha e dissonante. Era o terreiro do Pai Quinquim. Transposta a cancela, foram vistas negras quase desnudas, de joelhos em terra, formando um círculo em torno de uma outra, de cor mestiça, que cantarolava [...] Mal terminavam elas a desconchavada cantarola, a voz da autoridade se fez ouvir. Estavam todos presos. A mulher de cor mestiça fingia-se acometida de uma síncope. O tenente Vergne foi ao seu encontro. E, com espanto notou que era um homem vestido de mulher! O pai Quinquim havia se transformado... (*A Tarde*, Salvador (BA), 22-3-1929).¹

Este trecho extraído de um jornal baiano da década de 20, coloca-se ao lado de muitos outros que neste período, preconceituosamente caracterizavam o candomblé como culto imoral e contrário à todos os “bons princípios”.

Geralmente, quando se fala de homossexualismo dentro dos terreiros, este surge relacionado ao masculino. Há quase que um silêncio sobre as monocó (mulheres-homens) como é chamada pelo povo de santo, a homossexualidade feminina.

Falar sobre a homossexualidade nos cultos afro-brasileiros é penetrarmos num campo também sagrado, a sensualidade, o sentir, e com ele, a sexualidade. E como ilustração disso, que acabamos de afirmar, quero retomar um trecho da matéria que citamos anteriormente: “... foram vistas negras quase desnudas, de joelhos em terra,

formando um círculo em torno de uma outra, de cor mestiça, que cantarolava”. Ainda hoje, em alguns ambientes, marcados por uma tradição judaico cristã, quando é preciso se referir à questão da sensualidade e mencionar o sexo, muitas pessoas são acometidas de um mal estar. Várias vezes fiz esta experiência ao trabalhar com alguns grupos católicos. Certa ocasião, ao me referir à Exu e seus símbolos eróticos, o momento que estava sendo vivido como religioso parece que foi inundado de profano... Que pena!!!

Em segundo lugar, gostaria de assinalar que o tema “homossexualidade e candomblé”, nas muitas vezes em que se tentou trabalhar, antes de buscar ser compreendido foi colocado preconceituosamente. Cresci ouvindo as pessoas afirmarem que “Candomblé é coisa de veado”.

Há autores como Ruth Landes, em seu trabalho intitulado *A cidade das mulheres*, que chegam a afirmar que a homossexualidade masculina é uma condição colocada pelo próprio culto, haja vista que só as mulheres podem exercer o sacerdócio. Trabalhos mais recentes como os de Peter Fry, ‘Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros’, Patrícia Birman, *Identidade social e homossexualismo no Candomblé*, e Luiz Mott, *Escravidão, homossexualidade e demologia*, tentam trabalhar a questão, denunciando os preconceitos e sugerindo novas abordagens.

Ouvi recentemente de um sociólogo que estuda os Candomblés em São Paulo, que a presença de homossexuais nesta religião, se explicaria pelo fato desta se apresentar como um meio de ascensão social. Não concordo com esta suposição, pois embora o mesmo reconheça que o Candomblé foi a única instituição no Brasil que aceitou abertamente o homossexualismo (lá ninguém precisa esconder o que é), não compreendeu o sentido de uma religiosidade profunda onde o sacerdócio não pode ser visto como uma carreira. Não vamos entrar no mérito desta questão, nem fazermos aqui uma discussão puramente acadêmica sobre o assunto. O que tentarei apresentar são frutos de vivências e impressões colhidas

1. Arthur Ramos, *O Negro Brasileiro* (Recife, Massangana, 1988), p. 109.

entre o povo de santo.² Sua grande maioria são estórias ouvidas.

Gostaria de assinalar que as controvérsias sobre o assunto não se dão somente entre os estudiosos, mas também entre o próprio povo de santo. Assim, esta reflexão, gostaria que fosse tomada como algo bastante peculiar e situado.

Conheço Casas que cultuam Orixá que não iniciam homens, não permitindo que os mesmos sejam possuídos pelos Orixás. Conheço outras em que os homens, mesmo iniciados, não participam das danças em roda com as mulheres. Há casas também onde não se iniciam homens em orixás femininos, ou se assim fazem, quando o orixá se manifesta a quem foi iniciado, substitui-se a saia por uma calça bem folgada chamada de 'bombacho', como se os orixás tivessem sexo. Já vi também terreiros onde travestis estavam à sua frente liderando tudo, desde a chefia aos cargos mais importantes. Sei de sacerdotes que explicam a opção sexual pelo ancestral que a pessoa se liga. Como por exemplo, um ancestral feminino numa pessoa de sexo masculino, ou um Orixá andrógino como Oxumarê. Não concordo com esta explicação. Ela pode servir para dar conta de alguns casos, mas não para toda a homossexualidade. Se assim fosse, não existiriam filhos de Xangô e Ogun, ancestrais considerados altamente viris e "masculinos", homossexuais. Se a exceção desse lado não pode ser genérica, a do outro também não poder ser universalizada. Ou ainda, todos os filhos de Ogun seriam suicidas, todos os filhos de Ossain, médicos, de Ewá, videntes e assim por diante...

Quero aqui assinalar a capacidade que o Candomblé tem como grupo religioso de construir categorias através das quais se pensa e se constroem os gêneros. Fato é que esta construção choca-se com muitas visões e conceitos que sustentam uma sociedade pensada a partir de outros parâmetros, que desde muito cedo articulou a

2. Designação genérica atribuída às pessoas que são iniciadas no Candomblé.

sexualidade à moralidade. Conheci uma mulher que deixou de se iniciar pois descobriu que a sua futura mãe de santo era homossexual, o que classificou como imoral.

É também bastante interessante a afirmação de muitas pessoas que falam da alteração sexual das pessoas através dos Orixás. Contra isso, o povo de santo é decisivo, "ninguém muda ninguém..." O que geralmente acontece é que após a iniciação ou dentro do grupo religioso, muitas pessoas se encontram, ou como se diz, se assumem, vivem dignamente como pessoa sem precisar ser o que não é. Fato é que estamos sempre decepcionando as pessoas... Elas nunca estão satisfeitas com o que somos.

O universo cultural em que muitos de nós vivemos, articula-se e tenta compreender as coisas a partir da lógica do isso ou aquilo, não dando lugar para o isso e aquilo, como por exemplo, o andrógino. A vaidade, a doçura, o dengo, o mimo, o carinho etc., embora sejam apresentados como características dos Orixás femininos, não definem, por si só a feminilidade, pelo menos no universo afro-brasileiro (exemplo: Xangô, a sua vaidade é tanta, que chega a trançar os cabelos). Assim como o gosto pela guerra, conquista, bravura não definem a masculinidade (exemplo: Yansã – "a mulher que deixa a barba crescer a fim de ir à guerra"). Nos terreiros, o masculino vai ser construído e significado a partir de sua relação com o feminino e vice-versa (assim Xangô e Oyá; Ogun e Yansã; Oxossi e Oxun se completam e assim por diante).

O andrógino apresenta-se como a possibilidade da masculinidade e da feminilidade serem isso e aquilo ao mesmo tempo. Alguns mitos podem se tornar bastante ilustrativos disso:

Em Oxalá, o mundo todo participa de sua bissexualidade.

Certa ocasião, o Babalorixá Francisco de Oxun, indagado sobre Oxalá, afirmou: "Oxalá não tem sexo já que ele é Deus. Deus não pode ter sexo. Ele é homem e mulher ao mesmo tempo". Nas frases do sacerdote, podemos perceber

o extremo significado que Oxalá ocupa no universo religioso do candomblé. De acordo com os mitos, este ancestral teria recebido a incumbência de criar o mundo, tarefa que não foi realizada devido a uma embriaguez com o vinho de palma. Deus, todavia, deu outra chance ao Grande Orixá, a missão de modelar os seres que compõem o universo.

Na verdade, Oxalá, ou Obatalá como é chamado em algumas regiões na África yorubá, significa o primeiro desdobramento de Olodumaré, de Deus. É o primeiro resultado do processo desencadeado pelo ar que se move lentamente e se condensa, originando, assim as águas. Daí, ele poder ser apresentado como criador. Uma vez que o primeiro movimento de tal Origem, não poderia ser outro, se não, uma força criativa. Como força criativa de todos os seres, Oxalá, como lembra o sacerdote, não pode ter sexo, ou melhor possui os dois sexos de forma integrada como "a água que já trazia dentro de si o princípio terra..." ou o caracol.

Nos mitos o complemento do *orixá* da criação vai se dar, ora com a figura de Yemanjá, ora com Nanã, a anciã ou ainda com as Grandes Mães. É, todavia, em torno de Nanã, a lama, princípio de transformação, que aparece um mito bastante curioso.

Conta-se que nos primórdios, somente as mulheres presididas por ela, comandavam o culto aos mortos, eguns como se costuma chamar. E Nanã, guardava um profundo segredo sobre aquele. Certa ocasião, quando ainda morava na casa de Oxalá, este lhe preparou uma saborosa comida, que "a mãe da morte" se deleitando com ela, resolveu contar-lhe tal segredo. Logo de manhã cedo, de posse dos conhecimentos que a sua mulher havia lhe passado, Oxalá usou as vestes da mulher (de Nanã), evocou os mortos e nem só isso, conseguiu levar Egum até o mercado e colocá-lo à vista de todos. O mito segue contando que a partir deste episódio, Oxalá passou a participar também do mundo dos mortos e atribuiu uma fala a Egum que antes apenas murmu-

rava e passou a usar uma saia quando se manifesta nas pessoas.

Ossain e Oxossi

O relato do envolvimento de Oxossi com Ossain é outro bastante conhecido.

Oxossi é o orixá da terra virgem e, talvez a sua ligação com as folhas e matas se explique através de sua relação com Ossaim, as própria folhas, a seiva que circula dentro dos caules, tornando-se princípio ativo de remédios e venenos.

Diz-se que Yemanjá, muito cuidadosa com seus filhos, alertava-os sempre sobre os perigos existentes no âmago da floresta, local onde habitava toda espécie de coisas desconhecidas.

Oxossi, por sua vez, sempre aventureiro, lançou-se à procura de tais coisas, das quais sempre falava a sua mãe. Mal havia penetrado na floresta, Ossain que tem o poder de se transformar em tudo a fim de encantar e seduzir os caçadores ou qualquer um que adentre no seu reino, logo se aproximou do jovem caçador e sem muito esforço conseguiu que este ficasse durante muitas horas conversando com ele. Numa certa hora, Ossaim preparou uma bebida e o caçador, logo que a experimentou, esqueceu toda a sua vida passada e resolveu viver na floresta com Ossain. Na verdade, o jovem caçador, havia deixado se encantar pelo segredo das folhas. Após muitos dias de espera, desesperada, sua mãe resolveu enviar os irmãos para procurá-lo. De volta, todos puderam concluir que só podia ser "coisa de Ossain" cujos "feitiços" ninguém jamais conseguiu desfazer. Desolada, só restou à Yemanjá, lágrimas, muitas lágrimas que deram origem a um rio.

Oxumarê, o arco-íris, o masculino e feminino como possibilidades

Histórias bastantes curiosas são aquelas que lembram o orixá Oxumarê. Em linhas gerais, Oxumarê é o princípio de crescimento e desenvolvimento. Daí poder ser representado por tudo que é alongado: o cordão umbilical, as plantas que

enramam, a cobra. Oxumarê relaciona-se também com a riqueza, embora não esteja diretamente ligado a esta. E é também o senhor da vidência do futuro. Diz um dos mitos que, na ocasião, quando Deus ficou cego, este teria o auxiliado, guiando-o, sendo, assim, "os olhos de Deus".

Cresci ouvindo que no início do arco-íris há um pote cheio de ouro, guardado por uma cobra. E mais: "Quem conseguisse atravessar, o arco-íris, se fosse pobre, tornaria-se rico; se fosse homem tornaria-se mulher e vice versa". Só depois de algum tempo é que entendi a relação estabelecida entre a cobra e o arco-íris.

Acontece com Oxumarê, algo muito semelhante com aquilo que já falamos quando nos referimos à Oxalá. Como princípio de crescimento, Oxumarê liga-se a todos os ciclos, ou melhor, os ciclos se desenvolvem dentro dele e podem muito bem ser representados pela cobra-animal capaz de tornar bastante visíveis estas fases através da troca constante de sua pele e pelo arco-íris, um conjunto de cores que são ao mesmo tempo uma só.

Atravessar o arco-íris para deixar de ser o que é a fim de ser o que não é, é antes de mais nada, compreender a vida como um conjunto de possibilidades que são abertas e definidas a cada momento em que estamos vivendo e nos colocando no mundo como seres de relação com todo universo.

Por representar todas estas possibilidades, Oxumarê também aparece como macho e fêmea ao mesmo tempo ou como a cobra que voltando-se para si persegue a sua própria cauda dando continuidade e movimento a um universo marcado por ciclos que não podem parar.

*Logun Edé – o menino que vive
seis meses na terra e seis meses na água*

Por fim, chegamos à Logun Edé, na verdade, mais um caçador, filho de Oxossi e Oxun representado muito bem como o leito que sustenta o rio.

Conta-se que após algumas investidas, Oxun, que havia se encantado com o caçador de elefantes, sabendo de seu amor pelas folhas, conseguiu

lhe seduzir, transformando-se numa samambaia. Desse envolvimento, nasceu um menino que por determinadas circunstâncias não pode ser criado junto à sua mãe. Quando chegou à uma certa idade, Logun, que de Oxum já havia recebido muitas jóias, resolveu ver pessoalmente a sua mãe. Todavia, ele, uma vez tendo sido criado fora do palácio, jamais poderia adentrá-lo e chegar diante dela, ao menos conversar... Uma certa ocasião, Oxun convocou todas as mulheres para uma reunião a fim de tomarem juntas algumas decisões. Ao finalizar Oxun ofereceu no seu palácio uma grande festa. Sabendo disso, Logun vestiu-se de mulher e foi a mais bonita da festa.

Ouve-se falar nos terreiros, que este Orixá é macho e fêmea ao mesmo tempo. Ou seja, seis meses ele caça e vive na terra como seu pai e seis meses, ele mora nas águas como sua mãe e come peixe. Logun, na verdade significa a integração existente em cada um de nós seres humanos e a nossa eterna busca do equilíbrio, representados pela balança que este orixá leva numa de suas mãos quando dança.

Algumas impressões...

A partir disso que vimos podemos perceber que no candomblé a homossexualidade é colocada não como um conflito, mas como algo que tem lugar e é reconhecido a partir de um universo onde o mito ocupa lugar fundamental.

Quanto ao povo de santo, vai variar a tolerância de determinados comportamentos. Seria enganoso apresentar o Candomblé como algo que estivesse fechado dentro de uma redoma. Dentro deste grupo também se faz refletir conceitos e paradigmas da sociedade em que está inserida.

Não é verdade dizer que a homossexualidade coloca-se como condição imperativa desta religião, nem pensar que a homossexualidade é coisa de gente de candomblé somente. A homossexualidade no candomblé é um fato, assim como é em outras religiões. A diferença é que seus adeptos vivenciam e encaram esse mistério, sem o farisaísmo e hipocrisia de muitos segmentos religiosos.

O Candomblé assume a homossexualidade de forma transparente e tenta compreendê-la dentro da sacralidade do mundo, através de uma linguagem também religiosa. Neste sentido coloca-se como desafio para outras denominações religiosas que ou assumem a homossexualidade de suas igrejas, ou serão obrigadas à fecharem as suas portas.

Bibliografia

AUGRAS, Monique. *O duplo e a metamorfose*. Rio de Janeiro, Vozes, 1983.
 FRY, Peter. Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros. In *Para inglês ver: identidade e política*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p. 54-73.

LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro, Civilizações Brasileira, 1967.
 MOTT, Luiz. *Escravidão, homossexualidade e demologia*. São Paulo, Ícone, 1988.
 PRANDI, Reginaldo. *Os Candomblés de São Paulo*. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1991.
 SANTOS, Juana Elbeins. *Os nagôs e a morte*. Rio de Janeiro, Vozes, 1976.
 SOUSA, Vilson Caetano. Usos e abusos das mulheres de saia e do povo do Azeite: notas sobre a comida de Orixá no terreiro de Candomblé. Dissertação de mestrado apresentado ao programa de Ciências Sociais, PUC/São Paulo, 1996.
 VERGER, Pierre. *Deuses Yorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador, Corrupio, 1981.